

UIDO
ESTAMO

JOS

FBJE.FoII
000.515

CRISTO
presente
nos
cristãos

RUMO

JOSEMARÍA ESCRIVÁ

CRISTO
presente
nos
cristãos

RUMO

UNIVERSIDAD DE NAVARRA
SERVICIO DE BIBLIOTECAS

i 18387354

258.22/POR.PT.1

Cristo vive. Esta é a grande verdade que enche de conteúdo a nossa fé. Jesus que morreu na cruz, ressuscitou; triunfou da morte, do poder das trevas, da dor e da angústia. «Não temais» — foi com esta invocação que um anjo saudou as mulheres que iam ao sepulcro. «Não temais. Procurais Jesus de Nazaré, que foi crucificado. Ressuscitou; não está aqui» ⁽¹⁾. «Haec est dies quam fecit Dominus, exultemus et laetemur in ea» — este é o dia que o Senhor fez; alegremo-nos ⁽²⁾.

O tempo pascal é tempo de alegria, de uma alegria que não se limita a esta época do ano

⁽¹⁾ Mc. 16, 6 (Evangelho da Missa do Domingo da Ressurreição).

⁽²⁾ Ps. 117, 24 (Gradual da mesma Missa).

litúrgico, mas mora sempre no coração dos cristãos. Porque Cristo vive; Cristo não é uma figura que passou, que existiu em certo tempo e que se foi embora, deixando-nos uma recordação e um exemplo maravilhosos. Não. Cristo vive. Jesus é Emanuel: Deus conosco. A sua Ressurreição revela-nos que Deus não abandona os seus. «Pode a mulher esquecer o fruto do seu seio e não se compadecer do filho das suas entranhas? Pois ainda que ela se esquecesse, eu não me esquecerei de ti» ⁽³⁾, havia-nos Ele prometido. E cumpriu a promessa. Deus continua a ter as suas delícias entre os filhos dos homens ⁽⁴⁾.

Cristo vive na sua Igreja. «Digo-vos a verdade: convém-vos que Eu vá; porque se Eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se Eu for, enviar-vos-Lo-ei» ⁽⁵⁾. Esses eram os desígnios de Deus: Jesus, morrendo na Cruz, dava-nos o

⁽³⁾ Is. 49, 14-15.

⁽⁴⁾ Cfr. Prov. 8,31.

⁽⁵⁾ Jo. 16,7.

Espírito de Verdade e de Vida. Cristo permanece na sua Igreja: nos seus sacramentos, na sua liturgia, na sua pregação, em toda a sua actividade.

De modo especial, Cristo continua presente entre nós nessa entrega diária que é a Sagrada Eucaristia. Por isso a Missa é o centro e a raiz da vida cristã. Em todas as Missas está sempre presente o Cristo total, Cabeça e Corpo. «Per Ipsum, et cum Ipso, et in Ipso». Porque Cristo é o Caminho, o Mediador. Nele tudo encontramos; fora dele a nossa vida torna-se vazia. Em Jesus Cristo, e instruídos por Ele, atrevemo-nos a dizer — «audemus dicere» — «Pater noster», Pai nosso. Atrevemo-nos a chamar Pai ao Senhor dos Céus e da Terra.

A presença de Jesus vivo na Sagrada Hóstia é a garantia, a raiz e a consumação da sua presença no Mundo.

Cristo vive no cristão. A fé diz-nos que o homem, em estado de graça, está *endeusado*. Somos homens e mulheres; não anjos. Seres de

carne e osso, com coração e paixões, com tristezas e alegrias; mas a divinização envolve o homem todo, como antecipação da ressurreição gloriosa. «Cristo ressuscitou dentre os mortos, como primícias dos que morreram. Porque, assim como por um homem veio a morte, também veio por um homem a ressurreição. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também em Cristo todos são vivificados» (6).

A vida de Cristo é vida nossa, segundo o que prometera aos seus Apóstolos no dia da Última Ceia: «Todo aquele que me ama observará os meus mandamentos, e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele morada» (7). O cristão, portanto, deve viver segundo a vida de Cristo, tornando seus os sentimentos de Cristo, de tal modo que possa exclamar com S. Paulo: «Non vivo ego, vivit vero in me Christus» (8);

(6) I Cor. 15, 20-21.

(7) Jo. 14,23.

(8) Gál. 2,20.

não sou eu quem vive; é Cristo que vive em mim.



Quis recordar, embora brevemente, alguns dos aspectos do viver actual de Cristo — «Iesus Christus heri et hodie; ipse et in saecula» (9); Jesus Cristo é sempre o mesmo, ontem e hoje, e por toda a eternidade — porque aí está o fundamento de toda a vida cristã. Se olharmos ao nosso redor e considerarmos o decurso da história da humanidade, observaremos progressos e avanços: a ciência deu ao homem uma consciência maior do seu poder; a técnica domina a natureza melhor do que em épocas passadas; e permite à humanidade sonhar com um nível mais alto de cultura, de vida material, de unidade.

Talvez alguns se sintam levados a matizar este quadro, recordando que os homens padecem agora injustiças e guerras maiores ainda do que as passadas. E não lhes falta razão. Mas,

(9) Hebr. 13,8.

por cima dessas considerações, prefiro recordar que, no domínio religioso, o homem continua a ser homem e Deus continua a ser Deus. Neste campo, o cume do progresso já se deu: é Cristo, alfa e ómega, princípio e fim ⁽¹⁰⁾.

No terreno espiritual não há nenhuma nova época a que chegar. Já tudo se deu em Cristo, que morreu e ressuscitou, e vive, e permanece para sempre. Mas é preciso unir-se a Ele pela fé, deixando que a sua vida se manifeste em nós, de maneira que se possa dizer que cada cristão é, não já «alter Christus», mas «ipse Christus», o próprio Cristo!

«Instaurare omnia in Christo», é o lema que S. Paulo dá aos cristãos de Éfeso ⁽¹¹⁾: dar forma a tudo segundo o espírito de Jesus; colocar Cristo na entranha de todas as coisas. «Si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meip-

⁽¹⁰⁾ Apoc. 21,6.

⁽¹¹⁾ Ef. 1,10.

sum» ⁽¹²⁾: quando Eu for levantado sobre a terra, tudo atrairei a Mim. Cristo, com a sua Encarnação, com a sua vida de trabalho em Nazaré, com a sua pregação e os seus milagres por terras da Judeia e da Galileia, com a sua morte na Cruz, com a sua Ressurreição, é o centro da Criação, Primogénito e Senhor de toda a criatura.

A nossa missão de cristãos é proclamar essa Realeza de Cristo; anunciá-la com a nossa palavra e com as nossas obras. O Senhor quer os seus em todas as encruzilhadas da Terra. A alguns, chama-os ao deserto, desentendendo-se das inquietações da sociedade humana, para recordarem aos outros homens, com o seu testemunho, que existe Deus. Encomenda a outros o ministério sacerdotal. À grande maioria, o Senhor a quer no mundo, no meio das ocupações terrenas. Estes cristãos, portanto, devem levar Cristo a todos os ambientes em que se

⁽¹²⁾ Jo. 12,32.

desenvolvem as tarefas humanas: à fábrica, ao laboratório, ao trabalho do campo, à oficina do artesão, às ruas das grandes cidades e às veredas da montanha.

Gosto de recordar a este propósito o episódio da conversa de Cristo com os discípulos de Emaús. Jesus caminha junto daqueles dois homens que perderam quase toda a esperança, de modo que a vida começa a parecer-lhes sem sentido. Compreende a sua dor, penetra nos seus corações, comunica-lhes algo da vida que Nele habita. Quando, ao chegar àquela aldeia, Jesus faz menção de seguir para diante, os dois discípulos retêm-No e quase o forçam a ficar com eles. Reconhecem-No depois ao partir o pão: — O Senhor, exclamam, esteve connosco! «Então disseram um para o outro: Não é verdade que sentíamos abrasar o coração dentro de nós enquanto nos falava no caminho e nos explicava as Escrituras?»⁽¹³⁾. Cada cristão

⁽¹³⁾ Luc. 24,32.

deve tornar Cristo presente entre os homens; deve viver de tal maneira que todos com quem contacte sintam o «bonus odor Christi»⁽¹⁴⁾, o bom odor de Cristo; deve actuar de forma que, através das acções do discípulo, se possa descobrir o rosto do Mestre.

O cristão sabe que está enxertado em Cristo pelo Baptismo; habilitado a lutar por Cristo pela Confirmação; chamado a actuar no mundo pela participação que tem na função real, profética e sacerdotal de Cristo; feito uma só coisa com Cristo pela Eucaristia, Sacramento da unidade e do amor. Por isso, tal como Cristo, há-de viver voltado para os outros homens, olhando com amor para todos e cada um dos que o rodeiam, para a humanidade inteira.

A fé leva-nos a reconhecer Cristo como Deus, vê-Lo como nosso Salvador, a identificar-nos com Ele, actuando como Ele actuou. O Ressus-

⁽¹⁴⁾ Cfr. II Cor. 2,15.

citado, depois de arrancar das suas dúvidas o Apóstolo Tomé, mostrando-lhe as chagas, exclama: «Bem-aventurados os que, sem me verem, acreditaram» (15). «Aqui — comenta S. Gregório Magno — fala-se de nós de um modo particular, porque nós possuímos espiritualmente Aquele a Quem corporalmente não vimos. Fala-se de nós, mas com a condição de que as nossas acções se conformem à nossa fé. Não crê verdadeiramente senão quem, no seu actuar, põe em prática o que crê. Por isso, a propósito daqueles que da fé não possuem mais do que palavras, diz S. Paulo: professam conhecer Deus, mas negam-no com as obras» (16).

Não é possível separar em Cristo o ser de Deus-Homem e a sua função de Redentor. O Verbo fez-se carne e veio à Terra «ut omnes

(15) Jo. 20, 29.

(16) S. Gregório Magno, *Homilias sobre os Evangelhos*, 26, 10. A citação de S. Paulo é de Tit. 1, 16.

homines salvi fiant» (17), para salvar todos os homens. Com todas as nossas misérias e limitações pessoais, nós somos outros Cristos, o próprio Cristo, e somos também chamados a servir todos os homens.

É necessário que ressoe uma e outra vez aquele mandamento que continuará a ser novo através dos séculos: «Caríssimos — escreve S. João — não vos escrevo um mandamento novo, mas um mandamento antigo, que recebestes desde o princípio. Este mandamento antigo é a palavra divina que ouvistes. E, no entanto, falo-vos de um mandamento novo, que é verdadeiro Nele mesmo e em vós, porque as trevas já passaram e já resplandece a verdadeira luz. Quem diz que está na luz e aborrece o seu irmão, ainda está nas trevas. Quem ama o seu irmão permanece na luz e nele não há ocasião de queda» (18).

(17) Cfr. I Tím. 2,4.

(18) I Jo. 2, 7-10.

Nosso Senhor veio trazer a paz, a boa nova, a vida, a todos os homens. Não só aos ricos, nem só aos pobres; não só aos sábios, nem só à gente simples; a todos; aos irmãos, pois irmãos somos, já que somos filhos de um mesmo Pai, Deus. Não há portanto mais do que uma raça: a raça dos filhos de Deus. Não há mais do que uma cor: a cor dos filhos de Deus. E não há senão uma língua: a que nos fala ao coração e à inteligência, sem ruído de palavras, mas dando-nos a conhecer Deus e fazendo que nos amemos uns aos outros.



É esse amor de Cristo que cada um de nós se deve esforçar por realizar na sua vida. Mas para ser «ipse Christus» é preciso *mirar-se Nele*. Não basta ter uma ideia geral do espírito que Jesus viveu; é preciso aprender com Ele pormenores e atitudes. É preciso contemplar a sua vida, sobretudo para daí tirar força, luz, serenidade, paz.

Quando se ama alguém, deseja-se conhecer toda a sua vida, o seu carácter, para nos iden-

tificarmos com essa pessoa. Por isso temos de meditar na vida de Jesus, desde o Seu nascimento num presépio até à Sua morte e à Sua ressurreição. Nos primeiros anos do meu labor sacerdotal costumava oferecer exemplares do Evangelho ou livros onde se narrava a vida de Jesus, porque é necessário que a conheçamos bem, que a tenhamos inteira na mente e no coração, de modo que, em qualquer momento, sem necessidade de nenhum livro, cerrando os olhos, possamos contemplá-la como um filme; de forma que, nas mais diversas situações da nossa vida, acudam à memória as palavras e os actos do Senhor.

Sentir-nos-emos assim metidos na sua vida. Na verdade, não se trata apenas de pensar em Jesus, e de imaginar aqueles episódios; temos de meter-nos em cheio neles, como actores; temos de seguir Cristo tão de perto como Santa Maria, sua Mãe; como os primeiros Doze; como as santas mulheres; como aquelas multidões que se apertavam ao Seu redor. Se fizermos assim, se não criarmos obstáculos, as pala-

vas de Cristo penetrarão até ao fundo da nossa alma e transformar-nos-ão. Porque «a palavra de Deus é vida, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes; introduz-se até à divisão da alma e do espírito; até às juntas e medulas, e discerne os pensamentos e intenções do coração» (19).

Se queremos levar ao Senhor os outros homens, é necessário abrir o Evangelho e contemplar o amor de Cristo. Podíamos fixar as cenas da Paixão, porque, como Ele mesmo disse, «ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos» (20). Mas também podemos considerar o resto da sua vida, o seu modo habitual de tratar com quem se cruzava com Ele.

Cristo, perfeito Deus e perfeito Homem, procedeu de um modo humano e divino para fazer chegar aos homens a Sua doutrina de salvação

(19) Hebr. 4,12.

(20) Jo. 15,13.

e para lhes manifestar o amor de Deus. Deus condescende com o homem, assume a nossa natureza sem reservas, excepto no pecado.

Dá-me uma grande alegria considerar que Cristo quis ser plenamente homem, com carne como a nossa. Emociona-me contemplar a maravilha de um Deus que ama com coração de homem.

Entre tantas cenas narradas pelos Evangelistas, detenhamo-nos a considerar algumas, começando pelos relatos do trato de Jesus com os Doze. O Apóstolo João, que verte no seu Evangelho a experiência de uma vida inteira, narra a primeira conversa com o encanto daquilo de que nunca mais se pode esquecer: — «Mestre, onde moras? Disse-lhe Jesus: Vinde e vêde. Foram, pois, e viram onde morava e ficaram com Ele aquele dia» (21).

Diálogo divino e humano, que transformou a vida de João e de André, de Pedro, de Tiago

(21) Jo. 1,38-39.

e de tantos outros; que preparou os seus corações para escutarem a palavra imperiosa que Jesus lhes dirigiu junto ao mar da Galileia: «Caminhando Jesus junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, lançando a rede ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Segui-Me, e Eu farei de vós pescadores de homens. Deixando as redes, imediatamente o seguiram»⁽²²⁾.

Nos três anos seguintes Jesus convive com os seus discípulos, conhece-os, responde às suas perguntas, resolve as suas dúvidas. Sim, é o Rabi, o Mestre que fala com autoridade, o Messias enviado por Deus; mas, ao mesmo tempo, é acessível, próximo. Um dia Jesus retira-se para orar. Os discípulos estavam perto, olhando talvez para Ele e tentando adivinhar as suas palavras. Quando regressa, um deles roga-Lhe: «— Domine doce nos orare, sicut docuit et Ioannes discipulos suos»; ensina-nos a orar,

⁽²²⁾ Mat. 4, 18-20.

como João ensinou aos seus discípulos. «E Jesus responde-lhes: Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o Teu nome...»⁽²³⁾.

Também com autoridade de Deus e com carinho humano recebe o Senhor os Apóstolos, quando, assombrados pelos frutos da sua primeira missão, Lhe comentavam as primícias do seu apostolado: «Vinde, retiremo-nos a um lugar deserto e repousai um pouco»⁽²⁴⁾.

Uma cena muito similar se repete quase ao final da vida de Jesus na Terra, pouco antes da Ascensão: «Ao surgir a manhã, apresentou-Se Jesus na praia, mas os discípulos não sabiam que era Ele. Disse-lhes então Jesus: Rapazes, tendes alguma coisa de comer?» Aquele que tinha perguntado como homem, fala depois como Deus: «Lançai a rede à direita do barco e encontrareis. Lançaram-na, pois, e mal a podiam arrastar, devido à grande quantidade

⁽²³⁾ Luc. 11, 1-2.

⁽²⁴⁾ Mc. 11, 1-2.

de peixe. Então o discípulo predilecto de Jesus disse a Pedro: «É o Senhor».

E Deus espera-os na margem: «Logo que saltaram para terra viram ali umas brasas com peixe em cima, e pão. Disse-lhes Jesus: Trazei dos peixes que apanhaste agora. Simão Pedro subiu à barca e puxou a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, sendo tantos, não se rompeu a rede. Disse-lhes Jesus: Vinde comer. E nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar-Lhe: Quem és Tu?, sabendo que era o Senhor. Então Jesus aproximou-Se, tomou o pão e deu-lho, fazendo o mesmo com o peixe» (25).

Esta delicadeza e carinho, manifesta-o Jesus, não só com um pequeno grupo de discípulos, mas com todos: com as santas mulheres, com representantes do Sinédrio, com Nicodemos, e com publicanos, como Zaqueu, com doentes e com sãos, com doutores da Lei e com pagãos,

(25) Jo, 21, 5-13.

com pessoas, individualmente, e com multidões inteiras.

Narram-nos os Evangelhos que Jesus não tinha onde reclinar a cabeça, mas contam-nos também que tinha amigos queridos e de confiança, ansiosos por recebê-Lo em sua casa. E falam-nos da sua compaixão pelos enfermos, da sua mágoa pelos que ignoram e erram, da sua indignação perante a hipocrisia. Jesus chora pela morte de Lázaro, ira-se com os mercadores que profanam o Templo, deixa que se enteneça o seu coração com a dor da viúva de Naím.

Cada um destes gestos humanos é gesto de Deus. Em Cristo «habita toda a plenitude da divindade corporalmente» (26). Cristo é Deus feito homem; homem perfeito; homem cabal. E, na sua humanidade, dá-nos a conhecer a divindade.

(26) Col. 2,9.

Ao recordarmos esta delicadeza humana de Cristo, que gasta a sua vida em serviço dos outros, fazemos muito mais do que descrever um modo possível de nos comportarmos: estamos a descobrir Deus. Toda a actuação de Cristo tem um valor transcendente; dá-nos a conhecer o modo de ser de Deus; convida-nos a crer no amor de Deus, que nos criou e que quer levar-nos até à sua intimidade. «Manifestei o teu nome aos homens que, do mundo, me deste. Eram teus e Tu deste-mos, e eles guardaram a tua palavra. Agora sabem que tudo quanto me deste vem de Ti» ⁽²⁷⁾, exclamou Jesus na longa oração que o Evangelista João nos conserva.

Portanto, o convívio de Jesus com os homens não fica em meras palavras nem em atitudes superficiais; Jesus toma a sério o homem e quer dar-lhe a conhecer o sentido divino da sua vida. Jesus sabe exigir, colocar os homens perante os seus deveres, arrancar do comodismo e do con-

⁽²⁷⁾ Jo. 17, 6-7.

formismo os que O escutam, para levá-los a conhecer o Deus três vezes santo. A fome e a dor comovem Jesus, mas sobretudo comove-O a ignorância: «Viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-Se deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Começou então a ensiná-las demoradamente» ⁽²⁸⁾.



Percorremos algumas páginas dos Santos Evangelhos para contemplar Jesus no seu convívio com os homens e para aprendermos a levar Cristo aos nossos irmãos, os homens, sendo nós próprios Cristo. Apliquemos esta lição à nossa vida corrente, à vida de cada um de nós. Porque a vida corrente e ordinária, a vida de cada homem entre os seus concidadãos, e seus iguais, não é coisa baixa e sem relevo; é precisamente nessas circunstâncias que o Senhor quer que se santifique a imensa maioria dos seus filhos.

⁽²⁸⁾ Mc. 6, 34.

É necessário repetir uma e mais vezes que Jesus não se dirigiu a um grupo de privilegiados, mas veio revelar-nos o amor universal de Deus. Todos os homens são amados por Deus; de todos eles espera amor. De todos — quaisquer que sejam a sua condição, a sua posição social, a sua profissão ou ofício. A vida corrente e ordinária não é coisa de pouco valor; todos os caminhos da Terra podem ser uma ocasião de encontro com Cristo, que nos chama a identificar-nos com Ele, para realizarmos — no lugar onde estamos — a sua missão divina.

Deus chama-nos através dos incidentes da vida de cada dia, no sofrimento e na alegria das pessoas com quem convivemos, nas preocupações dos nossos companheiros, nas pequenas coisas da vida familiar. Deus também nos chama através dos grandes problemas, conflitos e ideais que definem cada época histórica, atraindo o esforço e o entusiasmo de grande parte da humanidade.

Compreende-se muito bem a impaciência, a angústia, os inquietos anseios daqueles que,

com uma alma naturalmente cristã ⁽²⁹⁾, não se resignam perante a injustiça individual e social que o coração humano é capaz de criar. Tantos séculos de convivência dos homens entre si e ainda tanto ódio, tanta destruição, tanto fanatismo acumulado em olhos que não querem ver e em corações que não querem amar! Os bens da Terra, repartidos entre muito poucos; os bens da cultura, encerrados em cenáculos... E, lá fora, fome de pão e de sabedoria; vidas humanas — que são santas, porque vêm de Deus — tratadas como simples coisas, como números de uma estatística! Compreendo e compartilho dessa impaciência, levantando os olhos para Cristo, que continua a convidar-nos a pormos em prática esse *mandamento novo* do amor.

Todas as situações que a nossa vida atravessa nos trazem uma mensagem divina, pedem-nos

(29) Cfr. Tertuliano, *Apologeticus*, 17.

uma resposta de amor, de entrega aos demais. «Quando vier o Filho do homem em toda a sua majestade acompanhado de todos os seus anjos, há-de sentar-se então no seu trono de glória. Perante Ele reunir-se-ão todas as nações e Ele apartará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. À sua direita porá as ovelhas, e os cabritos à esquerda. O Rei dirá então aos da sua direita: Vinde, benditos do meu Pai, recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. Porque tive fome e destes-Me de comer, tive sede e destes-Me de beber; era peregrino e recolhestes-Me; estava nu e vestistes-Me; adoeci e visitastes-Me; estive na prisão e fostes ter comigo. Então os justos responder-Lhe-ão: Senhor, quando é que Te vimos com fome e Te demos de comer, com sede e Te demos de beber? Quando é que Te vimos peregrino e Te recolhemos, ou nu e Te vestimos? E quando Te vimos doente ou na prisão e fomos visitar-Te? E o Rei dir-lhes-á em resposta: Em verdade

vos digo, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» (30).

É preciso reconhecer Cristo que nos sai ao encontro nos nossos irmãos, os homens. Nenhuma vida humana é uma vida isolada; entrelaça-se com as demais. Nenhuma pessoa é um verso solto; fazemos todos parte de um mesmo poema divino, que Deus escreve com o concurso da nossa liberdade. Nada há que seja alheio ao interesse de Cristo. Falando com profundidade teológica, isto é, se não nos limitamos a uma classificação funcional, não se pode dizer rigorosamente que haja realidades — boas, nobres e até indiferentes — que sejam exclusivamente profanas, uma vez que o Verbo de Deus fixou morada entre os filhos dos homens, teve fome e sede, trabalhou com as suas mãos, conheceu a amizade e a obediência, experimentou a dor e a morte. «Porque foi do agrado de Deus que residisse Nele toda a plenitude e Por Ele fossem

(30) Mat. 25, 31-40.

reconciliadas consigo todas as coisas, pacificando, pelo Sangue da sua Cruz, tanto as da Terra como as dos Céus» (31).

Devemos amar o mundo, o trabalho, as realidades humanas. Porque o mundo é bom. Foi o pecado de Adão que desfez a harmonia divina da criação. Mas Deus Pai enviou o seu Filho unigénito para restabelecer a paz, para que nós, tornados filhos de adopção, pudéssemos libertar a criação da desordem e reconciliar todas as coisas com Deus.

Cada situação humana é irrepetível, fruto de uma vocação única, que se deve viver com intensidade, realizando nela o espírito de Cristo. Assim, vivendo cristãmente entre os nossos iguais, com naturalidade mas de modo coerente com a nossa fé, seremos *Cristo presente entre os homens*.



Ao considerar a dignidade da missão a que

(31) Col. 1, 19-20.

Deus nos chama talvez possa surgir a presunção, a soberba, na alma humana. É uma falsa consciência da vocação cristã aquela que nos cegar, aquela que nos faça esquecer que somos feitos de barro, que somos pó e miséria. Na verdade, não há mal apenas no mundo, ao nosso redor; o mal está dentro de nós, abriga-se no nosso próprio coração, tornando-nos capazes de vilanias e de egoísmos. Só a graça de Deus é rocha firme; nós somos areia, e areia movediça.

Se se percorre com um olhar a história dos homens ou a situação actual do mundo, é doloroso verificar que, passados vinte séculos, há tão poucos que se chamam cristãos, e que os que se adornam com esse nome são tantas vezes infiéis à sua vocação. Há anos, uma pessoa, que não tinha mau coração, mas não tinha fé, apontando-me o mapa-mundi, comentou: «Aí está o fracasso de Cristo: tantos séculos procurando meter na alma dos homens a sua doutrina, e veja os resultados — não há cristãos».

Não falta hoje quem pense assim. Cristo, porém, não fracassou; a sua palavra e a sua vida

fecundam continuamente o mundo. A obra de Cristo, a tarefa que seu Pai Lhe encomendou, está a realizar-se; a sua força atravessa a História, trazendo a vida verdadeira «e quando tudo Lhe estiver sujeito, então também o próprio Filho se submeterá Àquele que tudo Lhe submeteu, a fim de que Deus seja tudo em todos» ⁽³²⁾.

Nesta tarefa que vai realizando no mundo Deus quis que sejamos seus cooperadores; quis *correr o risco da nossa liberdade*. Emociona-me profundamente contemplar a figura de Jesus recém-nascido em Belém: um menino indefeso, inerte, incapaz de oferecer resistência... Deus entrega-Se nas mãos dos homens; aproxima-Se e desce até nós! Jesus Cristo, «que era de condição divina, não reivindica o direito de ser equiparado a Deus, mas despojou-Se a Si mesmo, tomando a condição de servo» ⁽³³⁾. Deus condescende com a nossa liberdade, com a nossa imperfeição, com as nossas misérias. Consente

⁽³²⁾ I Cor. 15,28.

⁽³³⁾ Filip. 2, 6-7.

que os tesouros divinos sejam levados em vasos de barro; que O demos a conhecer misturando as nossas deficiências com a sua força divina.

A experiência do pecado não nos deve, portanto, fazer duvidar da nossa missão. Certamente que os nossos pecados podem dificultar que Cristo seja reconhecido, e por isso devemos lutar contra as nossas misérias pessoais, buscar a purificação, sabendo, porém, que Deus não nos prometeu a vitória absoluta sobre o mal nesta vida, mas o que nos pede é luta. «Sufficit tibi gratia mea» ⁽³⁴⁾, basta-te a minha graça, respondeu Deus a Paulo, que pedia a sua libertação do agulhão que o humilhava.

O poder de Deus manifesta-se na nossa fraqueza, e incita-nos a lutar, a combater os nossos defeitos, mesmo sabendo que nunca obteremos completamente a vitória durante este caminhar terreno. A vida cristã é um constante começar e recomeçar, uma renovação em cada dia.

⁽³⁴⁾ II Cor. 12,9.

Cristo ressuscita em nós, se nos tornarmos participantes da sua Cruz e da sua Morte. Temos de amar a Cruz, a entrega, a mortificação. O optimismo cristão não é um optimismo cómodo, nem uma confiança humana em que «tudo correrá bem»; é um optimismo que se enraiza na consciência da liberdade e na fé na graça; é um optimismo que obriga a exigirmo-nos a nós próprios, a esforçarmo-nos por corresponder ao chamamento de Deus.

Cristo manifesta-Se, portanto, não já *apesar* da nossa miséria, mas, de certo modo, *através* da nossa miséria, da nossa vida de homens feitos de carne e de barro; no esforço por sermos melhores, por realizarmos um amor que aspira a ser puro, por dominarmos o egoísmo, por nos entregarmos plenamente aos demais, fazendo da nossa existência um serviço constante.



Não quero terminar sem uma última reflexão: o cristão, ao tornar Cristo presente entre os homens, sendo ele mesmo «ipse Christus»,

não procura apenas viver numa atitude de amor, mas também dar a conhecer o Amor de Deus através desse seu amor humano.

Jesus concebeu toda a sua vida como uma revelação desse amor: «Filipe — respondeu a um dos seus Apóstolos — quem me vê a Mim, vê o Pai»⁽³⁵⁾. Seguindo esse ensinamento, o Apóstolo João convida os cristãos a que, já que conheceram o amor de Deus, o manifestem com as suas obras: «Caríssimos, amemo-nos uns aos outros; porque o amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece-O. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é Amor. Nisto se manifestou o amor de Deus para conosco: em ter enviado o seu Filho unigénito ao mundo para que por Ele vivamos. Nisto consiste o seu amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele que nos amou e enviou o seu Filho para propiciação pelos nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos

⁽³⁵⁾ Jo. 14,9.

amou assim, também nos devemos amar uns aos outros» (36).

É necessário, portanto, que a nossa fé seja viva, que nos leve realmente a crer em Deus e a manter um constante diálogo com Ele. A vida cristã deve ser vida de oração constante, procurando nós estar na presença do Senhor da manhã até à noite e da noite até à manhã. O cristão nunca é um homem solitário, posto que vive numa conversa contínua com Deus, que está junto de nós e nos Céus.

«Sine intermissione orate», manda o Apóstolo — orai sem interrupção (37). E, recordando esse preceito apostólico, escreve Clemente de Alexandria: «Manda-se-nos louvar e honrar o Verbo, a quem conhecemos como salvador e rei; e por Ele ao Pai, não em dias escolhidos, como fazem alguns, mas constantemente, ao longo de toda a vida, e de todos os modos possíveis» (38).

(36) I Jo. 4, 7-11.

(37) I Tes. 5,17.

(38) Clemente de Alexandria, *Stromata* 1. 7, c. 7, n. 35.

No meio das ocupações de cada jornada, no momento de vencer a tendência para o egoísmo, ao sentir a alegria da amizade com os outros homens, em todos esses instantes o cristão deve reencontrar Deus. Por Cristo e no Espírito Santo, o cristão tem acesso à intimidade de Deus Pai, e percorre o seu caminho buscando esse reino, que não é deste mundo, mas que neste mundo se inicia e prepara.

É preciso privar com Cristo na Palavra e no Pão, na Eucaristia e na Oração. Tratá-Lo como se trata com um amigo, com um ser real e vivo como Cristo é, porque ressuscitou. Cristo, lemos na epístola aos Hebreus, «como permanece eternamente, possui um sacerdócio eterno. Por isso, pode salvar perpétuamente os que por Ele se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder em seu favor» (39).

Cristo, Cristo ressuscitado, é o companheiro, o Amigo. Um companheiro que se deixa ver só

(39) Hebr. 7, 24-25.

entre sombras, mas cuja realidade enche toda a nossa vida, e que nos faz desejar a sua companhia definitiva. «O Espírito e a Esposa dizem: Vem! E aquele que ouve, diga: Vem! Que aquele que tenha sede, venha! Que aquele que O deseja, receba gratuitamente a água da vida... O que dá testemunho destas coisas diz: Sim, Eu venho em breve. Assim seja. Vem, Senhor Jesus!» (40).

(40) Apoc. 22,17 e 20.

Composto e impresso

nas

Oficinas de São José

L I S B O A - 3